

# RENEGADOS

Tradução de Regiane Winarski

MARISSA MEYER

**ROCCO**

# *SUMÁRIO*

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

[Lista de personagens](#)

[Introdução](#)

[Prólogo](#)

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

# LISTA DE PERSONAGENS



## OS RENEGADOS: EQUIPE DE RABISCO

**RABISCO** – Adrian Everhart

*Consegue dar vida aos seus desenhos e artes*

**MONARCA** – Danna Bell

*Transforma-se em um enxame de borboletas-monarcas*

**ASSASSINA VERMELHA** – Ruby Tucker

*Quando ferida, o sangue se cristaliza em forma de armas; sua marca registrada é um gancho feito de heliotrópio*

**CORTINA DE FUMAÇA** – Oscar Silva

*Conjura fumaça e vapor*

## OS ANARQUISTAS

**PESADELO** – Nova Artino

*Não dorme nunca e pode fazer os outros dormirem com um toque*

**DETONADORA** – Ingrid Thompson

*Cria explosivos a partir do ar que podem ser detonados quando quer*

**FOBIA** – nome verdadeiro desconhecido

*Transforma o corpo e sua foice na personificação de vários medos*

**TITEREIRO** – Winston Pratt

*Transforma as pessoas em marionetes indefesas que fazem o que ele quer*

ABELHA-RAINHA – Mel Harper

*Exerce controle sobre todas as abelhas e vespas*

CIANETO – Leroy Flinn

*Gera venenos ácidos pela pele*

## CONSELHO DOS RENEGADOS

CAPITÃO CROMO – Hugh Everhart

*Tem superforça e é quase invencível a ataques físicos; capaz de gerar armas de cromo*

GUARDIÃO TERROR – Simon Westwood

*Pode ficar invisível*

TSUNAMI – Kasumi Hasegawa

*Gera e manipula água*

PÁSSARO DO TROVÃO – Tamaya Rae

*Gera trovões e relâmpagos; é capaz de voar*

LUZ NEGRA – Evander Wade

*Cria e manipula luz e escuridão*

**É**RAMOS TODOS VILÕES NO começo.

*Durante centenas de anos, prodígios foram temidos pelo restante do mundo. Nós começamos a ser caçados. Atormentados. Temidos e oprimidos. Acreditavam que éramos bruxas e demônios, aberrações e abominações. Fomos apedrejados, enforcados e queimados, enquanto multidões se reuniam para assistir, com expressões cruéis, orgulhosas de livrarem o mundo de mais um pária.*

*Elas estavam certas de terem medo.*

*Centenas de anos. Quem teria aguentado?*

*Ace Anarquia mudou tudo. Uniu os prodígios mais poderosos que conseguiu encontrar e juntos eles se rebelaram.*

*Ele começou com a infraestrutura. Prédios do governo arrancados das bases. Bancos e bolsas de valores destruídos. Pontes arrancadas do céu. Rodovias inteiras reduzidas a montes de pedras. Quando os militares enviaram jatos, ele os arrancou do céu como se fossem mariposas. Quando enviaram tanques, ele os esmagou como se fossem latas de alumínio.*

*Depois, foi atrás das pessoas que falharam com ele. Com todos eles.*

*Governos inteiros destruídos. Forças da lei desfeitas. Os burocratas metidos que compraram cargos de poder e influência... todos mortos, em questão de semanas.*

*Os Anarquistas não se importavam muito com o que viria depois que o mundo desmoronasse. Só queriam mudança, e conseguiram. Em pouco tempo, uma série de gangues de vilões começou a sair das cinzas da sociedade, cada uma ávida por sua fatia de poder, e não demorou para que a influência de Ace Anarquia se espalhasse pelo*

planeta. Prodígios se uniram pela primeira vez na história, alguns cheios de ira e ressentimento, outros desesperados por uma aceitação que nunca veio. Eles exigiam tratamento justo, direitos humanos e proteção da lei, e, em alguns países, os governos em pânico correram para oferecer exatamente isso.

*Mas, em outros países, as rebeliões ficaram violentas, e a violência virou anarquia.*

*O caos surgiu para ocupar o vazio que a sociedade civilizada deixou para trás. O comércio e a indústria pararam de funcionar. Guerras civis explodiram em todos os continentes. Gatlon foi isolada do mundo, e o medo e a desconfiança que prevaleceram continuariam presentes por vinte anos.*

*Essa época foi chamada de Era da Anarquia.*

*Ao olhar para trás agora, as pessoas falam dos Anarquistas e das outras gangues como se fossem a pior parte daqueles vinte anos, mas não foram. Claro, todo mundo morria de medo deles, mas eles deixavam as pessoas em paz, desde que pagassem o que deviam e não causassem problemas.*

*Mas as pessoas. As pessoas normais. Elas eram bem piores. Sem regra e sem lei, acabou sendo cada homem, mulher e criança por si. Não havia repercussão por crimes nem por violência; não havia para quem correr quando se levava uma surra ou era roubado. Não havia polícia. Não havia prisão. Não legítimas, pelo menos. Vizinhos roubavam de vizinhos. Lojas eram saqueadas e suprimentos eram estocados, e crianças morriam de fome na sarjeta. Passou a ser os fortes contra os fracos, e, no fim das contas, os fortes em geral eram uns idiotas.*

*A humanidade perde a fé em momentos assim. Sem ninguém para admirar, sem ninguém em quem acreditar, todos nós viramos ratos correndo pelos esgotos.*

*Talvez Ace tenha sido mesmo um vilão. Ou talvez tenha sido um visionário.*

*Talvez não haja muita diferença*

*De qualquer modo, as gangues comandaram a cidade de Gatlon por vinte anos, enquanto o crime e os vícios se espalhavam como esgoto em volta de um cano furado. E a Era da Anarquia talvez continuasse por mais vinte anos. Cinquenta. Uma eternidade.*

*Mas aí, da noite para o dia... esperança.*

*Uma esperança luminosa e cintilante, vestindo capas e máscaras.*

*Uma esperança linda e alegre, prometendo resolver todos os seus problemas, usar a justiça contra os seus inimigos e, provavelmente, ter uma conversa séria com alguns pedestres imprudentes no caminho.*

*Uma esperança calorosa e promissora, que encorajava as pessoas normais a ficarem*

*dentro de casa, onde era seguro, enquanto eles davam um jeito em tudo. Não se preocupem com nada. Vocês já têm muita coisa em que pensar, tendo que se esconder e chorar secretamente como têm feito ultimamente. Podem tirar o dia de folga. Somos super-heróis. Nós cuidamos disso.*

*A esperança se chamava Renegados.*

# PRÓLOGO



**N**OVA ESTAVA RECOLHENDO SERINGAS no beco atrás do prédio havia semanas. Ela sabia que os pais as pegariam se descobrissem, então escondia todas em uma caixa de sapatos velha, junto com uma variedade de parafusos, lacres, fios de cobre, bolas de algodão e qualquer coisa que ela achasse que pudesse ser útil em suas invenções. Com seis, quase sete anos, ela já tinha percebido como era importante ser versátil e econômica. Afinal, não podia exatamente fazer uma lista e mandar o pai à loja comprar suprimentos.

As seringas seriam úteis. Ela sabia desde o começo.

Ela prendeu um tubo fino de plástico na ponta de uma e enfiou a ponta oposta do tubo em um copo de água que tinha enchido na pia do banheiro. Puxou o êmbolo e encheu o tubo de água. Com a língua aparecendo pela abertura do primeiro dente que tinha perdido recentemente, ela pegou uma segunda seringa e a enfiou no lado oposto do tubo, depois remexeu na caixa de ferramentas para pegar um arame comprido o suficiente para prender o sistema de roldanas que tinha desenvolvido no alto da casinha de bonecas.

Demorou o dia inteiro, mas Nova, finalmente, estava pronta para o teste.

Ela prendeu alguns móveis da casa de bonecas na plataforma do elevador, pegou a seringa e apertou o êmbolo. A água se deslocou pelo tubo, empurrando o segundo êmbolo para cima e botando a série complicada de roldanas em ação.

O elevador subiu.



Se recostando, Nova abriu um sorriso.

– Elevador movido a energia hidráulica. *Sucesso.*

Um grito do quarto ao lado atrapalhou o momento, seguido da voz tranquilizadora da mãe. Nova olhou para a porta fechada do quarto. Evie estava doente de novo. Parecia que vivia com febre agora e havia dias que não tinham remédio para ela. O tio Alec deveria trazer mais, mas talvez demorasse horas.

Quando Nova ouviu o pai perguntando ao tio Alec se ele conseguiria ibuprofeno infantil para a febre do bebê, ela pensou em pedir mais jujubas de frutas como as que ele tinha lhe dado no aniversário do ano anterior, ou talvez um pacote de pilhas recarregáveis.

Poderia fazer muita coisa com pilhas recarregáveis.

Mas Papà devia ter visto o pedido nascendo em seu rosto e olhou para ela de um jeito que a silenciou. Nova não sabia bem o que aquilo queria dizer. Tio Alec sempre foi bom com eles, levava comida e roupas e, às vezes, até brinquedos dos espólios semanais, mas seus pais nunca queriam pedir nada especial, por mais que precisassem. Quando havia algo específico, eles tinham que ir aos mercados e propor trocas, geralmente pelas coisas que seu pai fazia.

A última vez que o pai tinha ido ao mercado, ele voltou com um saco de fraldas reutilizáveis para Evie e um corte irregular na sobrancelha. A própria mãe que deu os pontos. Nova assistiu, fascinada ao perceber que era exatamente do mesmo jeito que a mãe costurava o urso Dolly quando as costuras se abriam.

Nova se voltou para o sistema hidráulico. O elevador estava quase na altura do segundo andar da casa de bonecas. Se conseguisse aumentar a capacidade da seringa, ou fazer ajustes ao sistema de alavancas...

Atrás da porta, o choro continuava. O piso estava gemendo agora que seus pais estavam se revezando para consolar Evie, andando de um lado para o outro do apartamento.

Os vizinhos começariam a reclamar em pouco tempo.

Suspirando, Nova colocou a seringa no chão e se levantou.

Papà estava segurando Evie no colo na sala da frente, balançando-a e tentando encostar uma toalha fresca na testa quente, mas isso só a fazia chorar mais alto e tentar empurrar o paninho. Pela porta da cozinha pequena, Nova

viu sua mãe remexendo nos armários, reclamando do suco de maçã no lugar errado, apesar de todos eles saberem que não tinha suco nenhum.

– Quer que eu ajude? – perguntou Nova.

Papà se virou para ela, a consternação no olhar. Evie gritou mais alto quando ele esqueceu de balançá-la por dois segundos inteiros.

– Desculpa, Nova – pediu ele, balançando Evie de novo. – Não é justo pedir que você faça isso... mas se ela pudesse dormir mais uma ou duas horas... descansar pode fazer bem a ela, e pode ser que Alec já tenha chegado até ela acordar.

– Não me importo – disse Nova, esticando a mão para o bebê. – É fácil.

Papà franziu a testa. Às vezes Nova achava que ele não gostava de seu dom, embora não soubesse por quê. A única coisa que já tinha feito foi deixar o apartamento mais tranquilo.

Ele se agachou e colocou Evie nos braços de Nova, verificando se ela estava segurando direito. Evie estava ficando tão pesada, não mais o bebezinho que era menos de um ano antes. Agora, estava com coxas gorduchas e braços agitados. Começaria a andar qualquer dia daqueles, seus pais sempre diziam.

Nova se sentou no colchão no canto do quarto e passou os dedos pelos cachos macios do bebê. Evie estava confusa, com lágrimas grandes rolando pelas bochechas fofas. Encontrava-se tão febril que a sensação era de estar segurando uma fornalha em miniatura.

Nova afundou nos cobertores e travesseiros e encostou o polegar na bochecha da irmã para pegar uma lágrima quente. Deixou que seu poder penetrasse nela. Uma pulsação tranquila e gentil.

O choro parou.

Os olhos de Evie tremeram, as pálpebras ficaram pesadas. A boca se abriu em um “O” trêmulo.

E assim, do nada, ela estava dormindo.

Nova ergueu o olhar e viu os ombros do pai relaxarem de alívio. Sua mãe apareceu na porta, surpresa e curiosa, até ver Nova com o bebê no colo.

– Esse é meu jeito favorito – sussurrou Nova para eles. – Quando ela está toda macia e aconchegada e... *quieta*.

O rosto de sua mãe relaxou.

– Obrigada, Nova. Talvez ela esteja melhor quando acordar.

– E não tenhamos que começar a procurar outro lugar pra morar – resmungou Papà. – Charlie já expulsou gente por menos do que um bebê chorão.

Sua mãe balançou a cabeça.

– Ele não arriscaria irritar seu irmão assim.

– Não sei. – Papà franziu a testa. – Não sei mais o que as pessoas fariam e não fariam. Além do mais... não quero ter mais dívidas com Alec do que já temos.

Sua mãe se recolheu para a cozinha para começar a guardar as latas e caixas que tinha espalhado pelo piso, enquanto Papà afundava em uma cadeira em frente à única mesa do apartamento. Nova o viu massagear as têmporas por um momento, depois empertigar os ombros e começar a trabalhar em um projeto novo. Nova não sabia bem o que ele estava fazendo, mas amava vê-lo trabalhar. O dom dele era bem mais interessante do que o dela: o jeito como conseguia puxar fios de energia do ar, dobrá-los e esculpi-los como filigrana de ouro.

Era lindo de ver. Hipnotizante, até, quando as tiras luminosas surgiam do nada, fazendo o ar no apartamento zumbir, depois ficavam em silêncio e escureciam quando seu pai deixava que endurecessem para formar algo tangível e real.

– O que você está fazendo, Papà?

Ele olhou para ela, e uma sombra surgiu em seu rosto ao mesmo tempo que ele sorria para ela.

– Ainda não sei direito – disse ele, os dedos contornando o trabalho delicado de metal. – Alguma coisa... alguma coisa que espero que conserte parte dos grandes males que causei a este mundo.

Ele suspirou, um som pesado que fez Nova franzir a testa. Ela sabia que havia coisas que os pais não lhe contavam, coisas que tentavam esconder dela, e odiava isso. Às vezes, ouvia conversas entre os dois, palavras trocadas pelas longas horas da noite, quando eles achavam que ela estava dormindo. Eles sussurravam sobre prédios que caíram e bairros inteiros queimados até não sobrar nada. Murmuravam sobre lutas pelo poder e como não parecia haver mais lugar seguro e que eles até poderiam fugir da cidade, mas que a violência parecia ter consumido todo o mundo agora, então para onde eles iriam?

Uma semana antes, Nova ouviu a mãe dizer: “Vão acabar com todos nós se ninguém os impedir...”

Nova quis perguntar sobre isso, mas sabia que só receberia respostas vagas e sorrisos tristes e ouviria que não era para ela se preocupar.

– Papà –repetiu ela, depois de observá-lo por um tempo. – A gente vai ficar bem?

Um fiapo de energia cor de cobre tremeu e se desintegrou no ar. Seu pai a olhou com expressão arrasada.

– Claro, querida. Nós vamos ficar bem.

– Então por que você sempre parece tão preocupado?

Ele colocou o trabalho na mesa e se encostou na cadeira. Por um momento, ela achou que o pai estava quase chorando, mas ele piscou e a expressão se desfez.

– Escuta, Nova – disse ele, saindo da cadeira para se agachar na frente dela. – Tem muita gente perigosa no mundo. Mas também tem muita gente boa. Gente corajosa. Por pior que as coisas fiquem, temos que nos lembrar disso. Desde que haja heróis no mundo, há esperança de que amanhã será melhor.

– Os Renegados – sussurrou ela, a voz carregada com um toque de admiração.

Um leve sorriso surgiu nas feições do pai.

– Os Renegados – confirmou ele.

Nova encostou as bochechas nos cachos macios de Evie. Os Renegados pareciam mesmo estar ajudando todo mundo atualmente. Um tinha capturado um assaltante que tentou levar a bolsa da Sra. Ogilvie, e ela soube que um grupo de Renegados tinha invadido um dos armazéns de uma gangue e tirado toda a comida para levar para um orfanato.

– E eles vão nos ajudar? – perguntou ela. – A gente pode pedir remédio pra *elas* da próxima vez.

Seu pai balançou a cabeça.

– Nós não precisamos desse tipo de ajuda tanto quanto outras pessoas da cidade.

Nova franziu a testa. Não conseguia imaginar alguém precisando desse tipo de ajuda mais do que eles.

– Mas – continuou seu pai –, quando precisarmos deles... quando *realmente* precisarmos, eles estarão aqui, certo? – Ele engoliu em seco, e pareceu mais esperançoso do que convincente quando acrescentou: – Eles vão nos proteger.

Nova não questionou o que ele disse. Os Renegados eram super-heróis. Eram os mocinhos. Todo mundo sabia.

Ela encontrou os dedos gorduchos de Evie e começou a contar cada dobra enquanto repassava todas as histórias que tinha ouvido. Os Renegados resgataram o motorista de um caminhão de entregas capotado. Os Renegados acabaram com uma troca de tiros em um bairro comercial próximo. Os Renegados salvaram uma criança que tinha caído na baía Harrow.

Eles estavam sempre ajudando, sempre aparecendo no momento certo. Era isso que eles *faziam*.

Talvez, ela pensou (enquanto o pai se voltava novamente para o trabalho), talvez eles só estivessem esperando o momento certo para aparecer e ajudá-los também.

Seu olhar pousou nas mãos do pai. Ela ficou olhando enquanto elas moldavam, esculpavam, puxavam mais fios de energia do ar.

As pálpebras de Nova começaram a pesar.

Mesmo nos sonhos ela via as mãos do pai, só que agora ele estava puxando estrelas cadentes do céu, juntando-as como contas douradas cintilantes...



UMA PORTA BATEU.

Nova acordou com um susto. Evie bufou e rolou para longe dela.

Grogue e desorientada, Nova se sentou e sacudiu o braço, que formigava pelo tempo passado embaixo da cabeça de Evie. As sombras no quarto tinham mudado. Havia vozes baixas no corredor. Papà parecia tenso. Sua mãe murmurava *por favor, por favor...*

Nova afastou o cobertor que tinha sido colocado por cima dela e o ajeitou em volta de Evie, passando sorrateiramente pela mesa onde uma pulseira delicada da cor de cobre estava abandonada, um espaço vazio na filigrana esperando para ser preenchido por uma pedra preciosa.

Quando chegou à porta da frente, virou a maçaneta o mais lentamente que conseguiu e abriu o suficiente para poder espiar o corredor escuro.

Havia um homem no patamar, com barba por fazer no queixo e cabelo claro preso em um rabo de cavalo lustroso. Ele usava um casaco pesado, apesar de não estar frio lá fora.

Estava segurando uma arma.

Seu olhar indiferente se desviou para Nova e ela recuou, mas sua atenção voltou para o pai, como se ele não a tivesse visto.

– É um mal-entendido – disse Papà. Ele tinha entrado entre o homem e a mãe de Nova. – Me deixa falar com ele. Tenho certeza de que posso explicar...

– Não houve mal-entendido nenhum – cortou o homem. A voz estava baixa e fria. – Você traiu a confiança dele, Sr. Artino. Ele não gosta disso.

– Por favor – disse a mãe. – As crianças estão aqui. Por favor, tenha misericórdia.

Ele inclinou a cabeça e olhou de um para o outro.

O medo contraiu o estômago de Nova.

– Me deixa falar com ele – repetiu Papà. – Nós não fizemos nada. Sou leal, eu juro. Sempre fui. E minha família... por favor, não faça mal à minha família.

Houve um momento em que pareceu que o homem poderia sorrir, mas passou.

– Minhas ordens foram bem claras. Não é meu trabalho fazer perguntas... nem ter misericórdia.

Seu pai deu um passo para trás.

– Tala, pega as garotas. *Vai.*

– David... – choramingou a mãe dela, se movendo na direção da porta.

Ela mal tinha dado um passo quando o estranho ergueu o braço.

Um tiro.

Nova ofegou. O sangue fez um arco na porta e algumas gotas acertaram sua testa. Ela ficou olhando, sem conseguir se mexer. Papà gritou e segurou a esposa. Ele a virou nos braços. Estava tremendo enquanto a mãe ofegava e se engasgava.

– Sem sobreviventes – disse o homem com a voz baixa e regular. – Essas

foram as minhas ordens, Sr. Artino. O único culpado disso é você mesmo.

O pai de Nova a viu do outro lado da porta. Seus olhos se arregalaram, cheios de pânico.

– Nova. Cor...

Outro tiro.

Desta vez, Nova gritou. Seu pai caiu por cima do corpo da mãe, tão perto que daria para ela tocar nos dois.

Ela se virou e cambaleou dentro do apartamento. Passou pela cozinha, entrou no quarto. Bateu a porta e abriu o armário. Subiu em cima dos livros e ferramentas e caixas que cobriam o chão. Fechou a porta e se encolheu em um canto, ofegando para respirar, a visão dos pais queimada na mente cada vez que ela fechava os olhos. Tarde demais, ela pensou que devia ter ido pela saída de incêndio. Tarde demais.

Tarde demais, ela lembrou...

Evie.

Tinha deixado Evie lá fora.

Tinha deixado *Evie*.

Um ofegar trêmulo foi sufocado por um grito horrorizado, apesar de ela tentar engolir os dois. A mão pousou na porta do armário, e ela tentou avaliar com que velocidade conseguiria ir até a sala e voltar, se havia alguma chance de pegar o bebê sem ser vista...

A porta da frente gemeu ao ser aberta, e ela ficou paralisada.

Ela botou a mão na boca.

Talvez ele não reparasse em Evie. Talvez ela ficasse dormindo.

Ela ouviu os passos lentos e pesados. O piso gemendo.

Nova estava tremendo tanto que teve medo do barulho dos ossos entregar onde estava. Também sabia que não importaria.

O apartamento era pequeno, e ela não tinha para onde correr.

– Os Renegados virão – sussurrou ela, a voz pouco mais do que um sopro na escuridão. As palavras surgiram do nada na cabeça dela, mas estavam lá mesmo assim. Uma coisa sólida. Uma coisa à qual se agarrar.

*Bam.*

*O sangue da mãe na porta.*

Ela choramingou.

– Os Renegados virão...

Uma verdade, inspirada pelas incontáveis notícias ouvidas no rádio. Uma certeza, montada a partir das palavras dos vizinhos fofoqueiros.

Eles sempre vinham.

*Bam.*

*O corpo do pai caindo no corredor.*

Nova cerrou os olhos enquanto lágrimas quentes desciam pelas bochechas.

– Os Renegados... os Renegados virão.

O choro agudo de Evie soou na sala.

Nova abriu os olhos. O choro subiu pela garganta, e ela não conseguiu mais dizer as palavras em voz alta.

*Por favor, por favor, que venham...*

Um terceiro tiro.

O ar entalou nos pulmões de Nova.

Seu mundo parou. Sua mente ficou vazia.

Ela afundou na bagunça no fundo do armário.

Evie tinha parado de chorar.

Evie tinha parado.

Ao longe, ela ouviu o homem se movendo pelo apartamento, verificando dentro dos armários e atrás das portas. Lento. Metódico.

Quando a encontrou, Nova tinha parado de tremer. Ela não conseguia sentir mais nada. Não conseguia pensar. As palavras ainda ecoavam na mente dela, mas tinham perdido todo o significado.

*Os Renegados... os Renegados virão...*

Banhada com a luz do quarto, Nova ergueu os olhos. O homem estava na sua frente. Havia sangue na camisa dele. Mais tarde, ela lembraria que não havia arrependimento, não havia um pedido de desculpa, não havia remorso.

Nada quando ele ergueu a arma.

O metal foi encostado na testa, onde o sangue da mãe dela já tinha esfriado.

Nova esticou a mão, segurou o pulso dele e liberou seu poder com mais força do que já tinha feito na vida.

O maxilar do homem ficou frouxo. Os olhos embotaram e rolaram para dentro da cabeça. Ele caiu para trás e bateu no chão do quarto dela com um



ruído retumbante, esmagando a casinha de bonecas com o peso. O prédio todo pareceu sacudir com a queda dele.

Segundos depois, uma respiração profunda e pacífica ocupou o apartamento.

Os pulmões de Nova se contraíram de novo. O ar se moveu pela garganta, tremendo. Para dentro. E para fora.

Ela se obrigou a se levantar e a limpar as lágrimas e o catarro do rosto.

Pegou a arma, apesar de senti-la estranha e pesada na mão, e enfiou o dedo na frente do gatilho.

Deu um passo adiante, uma das mãos segurando o batente da porta enquanto saía da proteção do armário. Não sabia bem onde devia mirar. Na cabeça. No peito. Na barriga.

Decidiu pelo coração. Chegou tão perto dele que conseguia sentir a camisa com os dedos dos pés.

*Bam. Sua mãe estava morta.*

*Bam. Seu pai.*

*Bam. Evie...*

Os Renegados não tinham vindo.

Eles não viriam.

– Puxa o gatilho – sussurrou ela no quarto vazio. – Puxa o gatilho, Nova.

Mas ela não puxou o gatilho.

– Puxa o gatilho.

Não conseguia.

Minutos, talvez horas depois, o tio a encontrou. Ela ainda estava parada ao lado da forma adormecida do estranho, ordenando a si mesma a puxar o gatilho. Ouvindo os disparos repetidamente cada vez que ousava fechar os olhos.

– Nova? – Uma sacola plástica caiu no chão, com um frasco de remédio de plástico dentro. Nova levou um susto e virou a arma para ele.

Tio Alec nem se encolheu quando se agachou na frente dela. Estava vestido como sempre: com o uniforme preto e dourado, os olhos escuros quase invisíveis pelo elmo cor de cobre que disfarçava boa parte do rosto.

– Nova... Seus pais... Sua irmã... – Ele olhou para baixo e pegou a arma. Nova não resistiu quando ele a tirou da mão dela. Sua atenção se voltou para o

homem. – Eu sempre achei que você talvez fosse uma de nós, mas seu pai não queria me contar o que você era capaz de fazer...

Ele encarou Nova de novo. Havia pena e, talvez, admiração.

Com esse olhar, Nova desmontou e se jogou nos braços dele.

– Tio Alec – disse ela aos prantos, chorando no peito dele. – Ele atirou neles... ele... ele matou...

O tio a pegou no colo e a aninhou contra o peito.

– Eu sei – murmurou ele no cabelo dela. – Eu sei, minha criança doce e perigosa. Mas você está em segurança agora. Vou proteger você.

Ela quase não o ouviu em meio ao barulho na cabeça. O tumulto pressionando o interior do crânio. *Bam-bam-bam*.

– Mas você não pode me chamar mais de Alec, não lá fora. Tudo bem, meu pequeno pesadelo? – Ele fez carinho no cabelo dela. E o cabo da arma bateu na sua orelha. – Para o resto do mundo, sou Ace. Entendeu? Tio Ace.

Mas Nova não estava ouvindo. E talvez ele soubesse disso.

Em meio ao choro dela, ele a apertou com força, mirou a arma no homem adormecido e atirou.

# CAPÍTULO UM



## DEZ ANOS DEPOIS

AS RUAS DO CENTRO DE GATLON estavam lotadas de super-heróis falsos. Crianças corriam como loucas com capas laranja, berrando e balançando estrelinhas da marca do Luz Negra acima da cabeça, ou atirando umas nas outras com revólveres de água da Tsunami. Homens adultos tinham se espremido em leggings azuis e pintado ombreiras para parecerem uma armadura do Capitão e agora estavam sentados brindando nos terraços de bares isolados que se espalhavam pela rua principal. A troca de gênero também estava na moda naquele ano, com incontáveis mulheres usando versões ousadas do macacão típico do Guardiã Terror, e vários homens com réplicas baratas das asas de penas pretas da Pássaro do Trovão nas costas.

Ah, como Nova desprezava o Desfile dos Renegados.

Os vendedores de rua não eram melhores e vendiam de tudo, desde varinhas luminosas bregas a versões de pelúcia do famoso quinteto de Renegados. Até os *food trucks* estavam comemorando o tema do dia, com *funnel cake* do Capitão Cromo e cestas de peixe empanado com batatas da Tsunami e um cartaz anunciando A PIPOCA DE FRANGO FAVORITA DO GUARDIÃO TERROR: COMPRE AGORA, ANTES QUE *DESAPAREÇA!*

Se Nova tivesse apetite, com certeza já o teria perdido.

Um grito surgiu na multidão, e o som da banda marcial se destacou na barulheira. Trompetes e tambores, e o barulho regular de centenas de

músicos sincronizados se deslocavam pela rua. A música foi ficando mais alta, chegando perto agora. Canhões explodiam no alto e cobriam a multidão de confete. As crianças ficavam loucas. Os adultos não estavam muito diferentes.

Nova balançou a cabeça, ligeiramente decepcionada com a humanidade. Ficou atrás da multidão, sem conseguir ver muito da parada em si, o que não era problema para ela. Os braços estavam cruzados sobre o peito, na defensiva. Os dedos batiam um ritmo impaciente no cotovelo. Já parecia que ela estava ali havia uma eternidade.

Os gritos viraram de repente vaias altas e exuberantes, o que só podia significar uma coisa. Os primeiros carros alegóricos tinham aparecido.

Era tradição que os carros alegóricos dos vilões viessem primeiro, para agitar bem a plateia e lembrar a todos o que eles estavam comemorando. Aquele era o nono aniversário da Batalha de Gatlon, quando os Renegados enfrentaram os Anarquistas e as outras gangues de vilões em uma luta sangrenta que terminou com dezenas de mortes dos dois lados.

Os Renegados venceram, claro. Os revolucionários de Ace foram derrotados, e os poucos vilões que não pereceram naquele dia se esconderam ou fugiram da cidade de vez.

E Ace...

Ace Anarquia estava morto. Fora aniquilado na explosão que derrubou metade da catedral que ele tinha tomado como sua casa.

Aquele dia marcava oficialmente o fim da Era da Anarquia e o começo do governo do Conselho.

Eles chamavam de Dia do Triunfo.

Nova olhou para o alto e viu um balão enorme, quase da mesma largura da rua, flutuando entre os arranha-céus. Era uma réplica estilo desenho animado do Cérebro Atômico, que tinha sido um dos aliados mais próximos de Ace antes de os Renegados o terem matado, quase quinze anos antes. Nova não o tinha conhecido pessoalmente, mas ainda sentia uma fagulha de ressentimento ao ver o tratamento que davam a ele no balão: a cabeça inchada e o rosto desfigurado, grotesco.

A multidão riu e riu.

O pequeno transmissor chiou dentro do ouvido dela.

– E assim começa – disse Ingrid, a voz sarcástica e sem humor.

– Eles que riam – respondeu Fobia. – Não vão rir por muito mais tempo. Pesadelo, está em posição?

– Estou – confirmou Nova, tomando o cuidado de mover os lábios o mínimo possível, apesar de duvidar que alguém na multidão estivesse prestando atenção nela. – Só preciso saber em qual terraço de prédio você me quer.

– O Conselho ainda não saiu do armazém – disse Fobia. – Vou te alertar quando saírem.

Nova olhou para o outro lado da rua, para a janela do segundo andar de um prédio de escritórios, onde mal conseguia ver Ingrid (ou Detonadora, como o público a conhecia) espiando pela persiana.

As vaías da multidão recomeçaram, mais entusiasmadas do que nunca. Acima da cabeça dos espectadores, Nova teve vislumbres de um carro alegórico elaborado. Nele havia uma versão em miniatura da paisagem de Gatlon e, no meio dos prédios, atores usando fantasias estilizadas demais feitas para lembrarem alguns dos membros mais conhecidos da gangue de Ace. Nova reconheceu Rato e Enxofre, ambos mortos nas mãos dos Renegados, mas, antes que pudesse se ofender por eles, ela viu uma figura escura perto do alto do carro alegórico. Uma gargalhada de surpresa escapou dela e aliviou um pouco da ansiedade que vinha crescendo a manhã toda.

– Fobia – disse ela –, você sabia que ia aparecer no carro alegórico dos vilões este ano?

Um chiado soou no aparelho no ouvido dela.

– Nós não estamos aqui para admirar o desfile, Pesadelo.

– Não se preocupe. Você está ótimo lá em cima – disse ela, olhando para o ator. Ele tinha colocado uma capa preta comprida e estava carregando uma foice enorme de plástico com umas cobras de borracha grudadas no cabo. Mas, quando abriu a capa, em vez de ser consumido por sombras, o ator revelou um físico pálido e magrelo vestido apenas com uma sunga de natação verde-limão.

A plateia foi à loucura. Até a bochecha de Nova tremeu.

– Eles podem ter tomado algumas liberdades.

– Acho que gosto mais assim – disse Ingrid com uma risada debochada, vendo o desfile da janela.

– Com certeza inspira pavor – concordou Nova.

Fobia não disse nada.

– Aquilo é...? – Ingrid começou a dizer. – Ah, meu sagrado esquadrão antibombas, tem uma Abelha-Rainha este ano.

Nova olhou de novo. Primeiro a atriz estava escondida do outro lado da paisagem da cidade, mas depois ela apareceu, e Nova ergueu as sobrancelhas. A peruca loura da mulher tinha o dobro do tamanho da cabeça dela, e o vestido preto e amarelo de lantejoulas não podia ser mais chamativo, cintilando no sol da tarde. Tinha rímel preto escorrendo pelas bochechas e ela estava abraçando uma abelha de pelúcia grande contra o peito, chorando pelo tratamento injusto dado às suas pequenas fazedoras de mel.

– Uau – admirou Nova. – Até que a imitação não está ruim.

– Mal posso esperar pra contar pra Mel – disse Ingrid. – A gente devia estar gravando isso.

Os olhos de Nova percorreram a multidão pelo que poderia ser a milésima vez. Ficar parada a deixava tensa. Ela tinha sido treinada para se mover.

– Você está ofendida de não haver uma Detonadora? – perguntou ela.

Houve uma longa pausa antes de Ingrid dizer:

– Bom, estou *agora*.

Nova se voltou novamente para o desfile. Ficou nas pontas dos pés para tentar identificar se algum outro colega estava no meio das fantasias, quando um estrondo alto assustou os espectadores. O topo do prédio mais alto no carro alegórico, uma réplica da torre Merchant, tinha explodido para cima, e uma nova figura estava surgindo, rindo loucamente enquanto levantava as mãos para o céu.

Nova apertou o maxilar, a diversão do momento sufocada por uma onda de fúria.

A fantasia de Ace Anarquia era a mais próxima da realidade: o traje familiar preto e dourado, o elmo ousado e icônico.

A surpresa dos espectadores passou rapidamente. Para muitos, era o ponto alto do desfile, uma atração ainda maior do que ver o amado Conselho.

Em segundos, as pessoas começaram a pegar as frutas podres e os repolhos murchos que tinham levado especificamente para isso. Passaram a arremessá-los no carro alegórico, gritando obscenidades e debochando dos vilões em

cima. Os atores aguentaram com resistência impressionante, se escondendo atrás de prédios e berrando com horror fingido. O imitador de Ace Anarquia levou o pior do ataque, mas não abandonou o personagem: sacudiu o punho e chamou as crianças da frente de *pirralhos patifes* e *pequenos pesadelos* antes de finalmente se esconder no prédio oco e puxar o topo de volta ele mesmo, preparando a surpresa para a plateia da rua seguinte.

Nova engoliu em seco e sentiu o nó no estômago afrouxar somente depois que o carro alegórico dos vilões passou.

*Meu pequeno pesadelo...*

Ele também a chamara assim, tantos anos antes.

Os carros alegóricos foram seguidos de um grupo de acrobatas e um balão da Pássaro do Trovão deslizando acima. Nova viu uma faixa ser levantada em hastes altas, anunciando os testes para os Renegados, em breve.

OUSADO. VALENTE. JUSTO. VOCÊ TEM O QUE É PRECISO PARA SER HERÓI?

Ela fingiu um som alto de vômito, e uma mulher idosa ali perto a olhou com expressão azeda.

Um corpo se chocou no dela, e Nova cambaleou para trás, as mãos pousando instintivamente nos ombros da garota e a colocando de pé antes de ela cair no chão.

– Cuidado – disse Nova.

A garota olhou para cima; estava com uma máscara preta nos olhos, fazendo-a parecer uma versão menor, mais magrela e mais feminina do Guardiã Terror.

– O que você disse, Pesadelo? – questionou Ingrid no ouvido dela. Nova a ignorou.

A garota se afastou murmurando um pedido de desculpas, se virou e voltou para o meio da multidão.

Nova ajeitou a blusa e estava prestes a se virar para o desfile quando viu a garota esbarrar em outra pessoa. Só que em vez de a ajeitar, como Nova tinha feito, o estranho se abaixou, segurou o tornozelo da garota e a virou de cabeça para baixo em um movimento ágil.

Nova ficou boquiaberta enquanto o estranho carregava a garota, gritando e batendo no peito dele, na direção de Nova. Ele devia ter a mesma idade dela, mas era bem mais alto, tinha pele escura, cabelo curtinho e óculos de armação

grossa. O jeito como ele andava pela multidão fez parecer que estava carregando um daqueles bichos de pelúcia bregas do Capitão Cromo em vez de uma criança zangada se debatendo.

Ele parou na frente de Nova, um sorriso paciente no rosto.

– Devolve – disse ele.

– Me coloca no chão! – gritou a garota. – Me solta!

Nova olhou do garoto para a criança, depois avaliou rapidamente as pessoas próximas. Tinha gente demais olhando para eles. Olhando para *ela*.

Isso não era bom.

– O que você está fazendo? – perguntou ela, se virando para o garoto. – Coloca ela no chão.

O sorriso dele ficou ainda mais sereno, e o coração de Nova deu um salto. Não só porque ele tinha um daqueles sorrisos tranquilos que deixavam as garotas tontas, mas porque havia alguma coisa perturbadoramente familiar nele, e Nova começou naquele instante a revirar o cérebro para descobrir de onde o conhecia e se ele era ou não uma ameaça.

– Tudo bem, Mini-Pega – disse ele de um jeito meio condescendente –, você tem três segundos antes de eu fazer um pedido para que coloquem você em condicional. Pensando bem, tenho certeza de que a equipe de zeladores anda precisando de ajuda ultimamente...

A garota bufou e parou de lutar. A máscara tinha começado a escorregar e estava quase caindo da testa.

– Eu te odeio – rosnou ela, e enfiou a mão no bolso. Tirou a mão e esticou na direção de Nova, que levantou a sua com incerteza.

Uma pulseira, a pulseira *dela*, caiu em sua palma.

Nova olhou para o pulso, onde existia uma marca leve no lugar em que usava a pulseira todos os dias havia anos.

A voz de Ingrid soou na cabeça dela.

– O que está acontecendo aí, Pesadelo?

Nova não respondeu. Enquanto apertava a pulseira na mão fechada, ela olhou de cara feia para a menina, que só retribuiu a cara feia.

O rapaz a largou sem-cerimônia, mas a garota rolou com facilidade quando bateu no chão e ficou de pé novamente antes que Nova pudesse piscar.

– Não vou denunciar isso – disse o garoto – porque acredito que você vá